

CONTO OU CRÔNICA? ANÁLISE DO LIVRO *MELHORES CONTOS - RUBEM BRAGA*

Joana Leopoldina de Melo Oliveira¹ (UFRN)
Mácio Alves de Medeiros² (UFRN)

Resumo:

Rubem Braga se destacou na literatura brasileira apenas escrevendo crônicas, com textos carregados de lirismo. Antonio Candido definiu o cronista como “o mais poeta dos prosadores do modernismo”. Estudando o cronista observou-se que a sua crônica se destaca pelo trato especial que dá as palavras e, por isso, foi o único escritor que se destacou escrevendo apenas para jornais e revistas. No referido trabalho, pretende-se mostrar questionamentos sobre o livro *Melhores contos – Rubem Braga*, seleção de Davi Arrigucci Jr. O livro apresenta uma seleção de crônicas de Rubem Braga, mas apesar de terem sido publicados inicialmente em jornais, o título do livro já indica que os textos selecionados foram denominados de contos. Davi Arrigucci Jr. destaca que Rubem Braga viveu por vezes modificando os seus textos, motivo pelo qual pode-se observar e analisar a evolução dessas crônicas até chegar ao livro de contos. O objetivo deste trabalho é mostrar como se fará análise genética e de gêneros presentes nesses textos, para descobrir se realmente houve modificações até chegar ao texto final do livro. Para tanto, utilizaremos os textos de Louis Hay, considerado o fundador da crítica genética; Philippe Willemart, o introdutor da crítica genética no Brasil; e também outros estudiosos do assunto no Brasil como: Cecília Almeida Salles, Claudia Amigo Pino, Roberto Zular, entre outros. Além desses teóricos sobre crítica genética, também utilizaremos textos teóricos sobre os gêneros conto e crônica. Por isso, observa-se que a análise dos textos do livro *Melhores contos – Rubem Braga*, através da genética textual e das teorias sobre os gêneros ajudará no desenvolvimento da pesquisa, já que estaremos trabalhando com o processo de criação desse texto final.

Palavras-chave: crônica e conto, crítica genética, Rubem Braga.

Introdução

Rubem Braga se destacou na literatura brasileira apenas escrevendo crônicas. Antonio Candido definiu o cronista como “o mais poeta dos prosadores do modernismo”, pois com os seus textos carregados de lirismo conseguiu transformar um gênero simples, que foi criado inicialmente para ser lido e depois lançado fora, e o eternizou através dos vários livros lançados e vendidos ao longo de sua vida e que ainda continuam sendo publicados, encantando o público atual, mesmo depois de sua morte em 1990. Algumas crônicas de Rubem Braga foram publicadas várias vezes em diversos livros ao longo dos

¹ Doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Departamento de Letras (jlm_oliveira@hotmail.com).

² Prof. Dr. da rede pública no estado do Rio Grande do Norte (marcio.amedeiros@yahoo.com.br).

anos, elas se destacaram por vários aspectos como: o humor, a ironia e o lirismo; e mesmo depois de tanto tempo de circulação, continuam fazendo sucesso e encantando os leitores de todas as idades.

No livro **Melhores contos- Rubem Braga**, Davi Arrigucci Jr. seleciona textos do cronista bastante conhecidos pelo grande público, esses textos foram inicialmente publicados como crônicas em outros livros, mas “nesse livro novo do velho Braga” são denominados de contos. Davi Arrigucci Jr. nos dá uma explicação prévia sobre a mudança do gênero no título do livro:

A coletânea acompanha, com alterações, uma seleção prévia do Autor, que reviveu, modificando por vezes bastante, os textos escolhidos. A qualidade literária e o caráter narrativo nortearam a escolha final destas crônicas que, sob vários aspectos, são também contos, formando mais que uma antologia, um livro novo do velho Braga. (2001, p.162)

Percebe-se a mudança de gênero primeiramente pelo fato de ter ocorrido alterações nessas crônicas, provavelmente feitas pelo próprio cronista que, segundo Davi Arrigucci Jr., as vivia modificando. Depois, o crítico destaca a qualidade literária e o caráter narrativo para escolha das crônicas que são, no livro, denominadas de contos. Assim, torna-se evidente que até a publicação no livro de contos, essas crônicas passaram por um processo de modificação - do momento em que foram publicadas pela primeira vez no jornal como crônicas, depois nos livros de crônicas onde foram publicadas até chegarem ao livro de contos³.

Nosso estudo visa analisar apenas as modificações ocorridas nas crônicas publicadas nos vários livros de Rubem Braga e que foram publicadas também no livro de contos. Neste trabalho, será mostrado apenas o princípio da pesquisa que está em desenvolvimento.

A pesquisa

O presente trabalho constitui uma das vertentes de um projeto de pesquisa iniciado

³ O projeto de pesquisa “Rubem Braga – obra completa”, desenvolvido pela Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Patrini Charlon, trata da pesquisa de todo acervo do cronista Rubem Braga ao longo dos anos. Escrevendo para jornais como cronista e jornalista, trabalhou para vários jornais no país e também como correspondente em outros países. Como alunos bolsistas nesse projeto, verificamos que o cronista realmente vivia modificando suas crônicas, principalmente porque a mesma crônica era publicada em diversos jornais e em épocas diferentes. Então, observa-se que o cronista modificava título, retirava partes do texto, etc.

em 2008 e que tem por objetivo maior a publicação da obra completa de um dos maiores expoentes da crônica literária brasileira no século XX. Ao mesmo tempo, procede-se a análise, inicialmente, de parte dos textos digitalizados de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos oriundos dos projetos relacionados à pesquisa e dos resultados preliminares e analíticos divulgados em momentos oportunos. Assim, ao longo dos cinco anos em que a pesquisa vigora, e é apoiada pelo CNPq, recorreu-se a um laborioso trabalho de constituição do *corpus*. A partir daí, busca-se estabelecer uma organização que leva em conta a divisão por periódicos (jornais, revistas, semanários etc.), o ano da publicação, bem como a identificação dos manuscritos. A partir daí, considerando, neste momento, apenas as crônicas, a pesquisa traça-se um perfil dos diversos textos desse gênero publicados por Rubem Braga ao longo de sua trajetória profissional e pessoal para, em seguida, atuar concomitantemente na descrição dos dados quantitativos e na análise dos aspectos qualitativos do acervo do cronista.

Durante mais de meio século Rubem Braga fez do exercício profissional de jornalista um trampolim para a atividade de cronista. E, através da escrita diária em diversos periódicos, sua marca pessoal estabeleceu um forte e legítimo laço entre o jornalismo e a literatura. Se o primeiro é caracterizado pela necessidade constante de novos dados, fatos e informações que atestam a existência de uma sociedade em toda a sua complexidade a segunda, a literatura, rejeita o estatuto da efemeridade, pois edifica pela verossimilhança a experiência humana. Na observação disso, Rubem Braga foi exímio confidente da arte literária e da cultura brasileira. O cronista promoveu a efervescência de um gênero que ainda busca a sua legitimidade no campo literário, e que talvez já a tenha encontrado, restando apenas à crítica não tratá-la como um gênero menor senão distinto dos demais.

Preocupado mais em juntar a observação da experiência humana com a reflexão imanente de escritor-jornalista, ou jornalista-escritor, Rubem Braga disponibilizou seus textos para mais de uma centena de periódicos, notadamente nos estados do Sudeste e do Sul, mas também marcou presença em estados das demais regiões do Brasil. Desse modo, muitos foram os arquivos nos quais a escrita braguiana se instalou. Entretanto, como todo ato de criação literária, inúmeras devem ter sido as escrituras e reescrituras realizadas pelo cronista antes de uma decisão tácita sobre a publicação de determinado texto. Mais que isso, muitas são as crônicas publicadas por Rubem Braga em mais de um periódico ou por mais de uma vez num mesmo periódico, todavia, inúmeras delas trazem em si

modificações textuais desde o título, simbolizando assim um processo contínuo do escritor no aprimoramento (em sentido *lato*) de sua obra? Essa constatação se fez perceber na pesquisa realizada junto à Fundação Casa de Rui Barbosa, especialmente. Imagine-se, por outro, como seriam as estruturas dessas crônicas em suas formas manuscritas, incluindo-se nisso os modelos datilografados? Do mesmo modo, como determinadas crônicas assumiram, caracteristicamente, a forma de outro gênero narrativo, o conto? Sobre este viés o presente trabalho irá refletir tomando por base uma seleção feita por Davi Arrigucci Jr.

Assim, conforme preconiza a crítica genética, compreender as intenções do autor faz-se necessário encontrar a forma original de sua obra, o seu embrião. Daí até o texto final existe um percurso que a teoria genética pretende acompanhar por meio da análise da forma computada como manuscrita. Evidentemente, não se trata de aplicar uma análise filológica nem tampouco da história literária, pois a perspectiva adotada, e defendida pelos geneticistas, embora muitos deles filólogos, “não é o texto, mas a textualidade complexa da obra em construção” (GRÉSILON, 2007, p. 277). No caso de Rubem Braga, a aplicação das reflexões da crítica genética recai sobre os textos de crônicas escritas à mão, ou mais propriamente os textos de crônicas datilografadas com ou sem correções feitas a lápis. O debruçar-se sobre os materiais produzidos pelo cronista e que constituem um aglomerado ainda movediço de documentos jornalísticos e documentos literários, representa, sobretudo, a necessidade de vivenciar as experiências particulares com o arquivo, isto é, um mergulho na desordem em que o enigmático se revela. Para Farge (2009, p. 12-13),

Desconcertante e colossal, o arquivo atrai mesmo assim. Abre-se brutalmente para um mundo desconhecido em que os rejeitados, os miseráveis e os bandidos fazem a sua parte em uma sociedade vigorosa e instável. Sua leitura provoca de imediato um efeito de real que nenhum impresso, por mais original que seja, pode suscitar. O impresso é um texto dirigido intencionalmente ao público. É organizado para ser lido e compreendido por um grande número de pessoas; [...]. Nada a ver com o arquivo; vestígio bruto de vidas que não pediam absolutamente para ser contadas dessa maneira [...].

Como explicar, portanto, que um texto de crônica se reconstrói e se reconfigura no processo de se tornar público, isto é, na várias edições que se sucedem à primeira? Isso mesmo se levado em consideração a interface entre jornal e livro como espaço de publicação, e, ainda, se considerada também uma intenção deliberada do cronista em tornar

uma forma narrativa (neste caso uma crônica) suscetível de metamorfosear-se em outra, neste caso em conto. O objeto aqui analisado leva em conta essas transformações e sinaliza, preliminarmente, para alguns aspectos inerentes a essa constatação.

O livro

Diante de tantas coletâneas e seleções de crônicas que compõem livros de Rubem Braga, a seleção feita por Davi Arrigucci Jr. chama a atenção pelo título: **Melhores contos – Rubem Braga**. Este livro, lançado pela primeira vez em 1985, traz 39 crônicas do nosso velho Braga, mas as mesmas são denominadas de contos. Lançado pela Editora Global, o livro pertence a uma coleção denominada **Melhores Contos** que traz 31 coletâneas de escritores da literatura brasileira e portuguesa. Nomes como: Eça de Queiroz, Lima Barreto, Mario de Andrade, Osman Lins e Machado de Assis, também fazem parte desta coletânea.

No livro, o autor trata de vários assuntos que foram recorrentes na sua obra, como: sua cidade natal – Cachoeiro de Itapemirim –, passarinhos, o mar, mulheres, lembranças do passado e dos amigos. Já em outras crônicas do livro, Rubem Braga escreve criticamente sobre a vida e a sociedade, característica também presente nas crônicas escritas pelo cronista.

Na pesquisa com os títulos publicados no livro, vemos que a maioria das crônicas foram publicadas, muitas vezes, em livros de coletâneas e seleções de crônicas de Rubem Braga como: **50 crônicas escolhidas, 100 crônicas escolhidas, 200 crônicas escolhidas, Para gostar de Ler, Pequena antologia do Braga, Coisas simples do cotidiano, Rubem Braga – literatura comentada, Casa dos Braga- memória de infância**, entre outros. E, inicialmente, foram publicadas por Rubem Braga nos vários livros lançados ao longo da sua carreira como: **O Conde e o Passarinho** (1936) – 1 crônica publicada no livro de contos, **Um Pé de Milho** (1948) - 1 crônica publicada no livro de contos, **O Homem Rouco** (1949) - 3 crônicas publicadas no livro de contos, **A Borboleta Amarela** (1953) - 12 crônicas publicadas no livro de contos, **A Cidade e a Roça e Três Primitivos** (1957 – título modificado depois para: **O Verão e as Mulheres**) - 5 crônicas publicadas no livro de contos, **Ai de ti, Copacabana** (1960) - 6 crônicas publicadas no livro de contos, **A Traição das Elegantes** (1967) – 6 crônicas publicadas no livro de contos, **Recado de Primavera** (1984) - 4 crônicas publicadas no livro de contos. Percebe-se então que, no livro de seleção de contos, temos textos que foram publicados pela primeira vez em livros

entre as décadas de 30 até 80, textos que perpassaram a vida do cronista e que, provavelmente, tornaram-se especiais por tratarem de assuntos que fizeram parte da sua obra.

Na tabela feita para organizar o nome dos livros onde saíram as crônicas do Livro **Melhores Contos - Rubem Braga**, percebe-se que a maioria das crônicas (33 delas) foram publicadas, pelo menos, duas ou mais vezes em outros livros, seleções e coletâneas. E apenas seis foram publicadas somente uma vez em outros livros, porém uma delas ainda não foi encontrada em nenhum livro publicado: “Era uma noite de luar”. Percebe-se também que o título mais publicado nos outros livros foi “Aula de inglês”, saiu em onze livros e é realmente uma das mais conhecidas crônicas de Rubem Braga.

A partir da coleta e registro de todas as crônicas publicadas nos diversos livros do cronista é que se dará início ao estudo mais detalhado da evolução desses textos, comparando-os aos textos do livro de contos selecionados por Davi Arrigucci Jr. Com a busca dos textos nos livros publicados anteriormente, já se verificou que alguns títulos foram modificados, por isso, foi necessário uma leitura atenta de todos os textos para identificá-los nos outros livros. Onze títulos sofreram alguma modificação no livro de contos, são eles: “Tuim criado no dedo” (Título diferente nos outros livros: “História triste de tuim”), “Diário de um subversivo” (Título um pouco diferente nos outros livros: “Diário de um subversivo – ano 1936”), “A moça rica” (Título diferente nos outros livros: “Mangue”), “O homem da estação” (Título diferente nos outros livros: “Marcha noturna”), “A partilha” (Título um pouco diferente nos outros livros: “Partilha”), “Noite de chuva” (Título diferente nos outros livros: “Impotência”), “Visita de uma senhora” (Título um pouco diferente nos outros livros: “Visita de uma senhora do bairro”), “Praga de menino” (Título diferente nos outros livros - junção de três crônicas – “As Teixeiras”), “Um braço de mulher” (Título diferente nos outros livros: “Lembrança de um braço direito”), “Lembrança de Zig” (Título diferente nos outros livros: “Histórias de Zig”), “O cajueiro” (Título um pouco diferente em alguns livros: “Cajueiro”). Percebe-se que em alguns textos os títulos foram totalmente modificados, já em outros só houve diminuições ou acréscimos de palavras.

Crônica “Noite de Chuva”

A crônica “Noite de chuva”, por exemplo, que é denominada nos outros livros de

“Impotência”, foi publicada no livro **A Borboleta Amarela**. Identificamos nela algumas modificações dentro do texto, como a retirada de algumas palavras e a correção de alguns termos. Vejamos a primeira versão da crônica:

IMPOTÊNCIA

Foi na última chuvarada do ano, e a noite era preta. O homem só estava em casa; chegara tarde, exausto e molhado, depois de uma viagem de ônibus mortificante, e comera, sem prazer, uma comida fria. Vestiu o pijama e ligou o rádio, mas o rádio estava ruim, roncando e estalando. “Há dois meses estou querendo mandar consertar esse rádio”, pensou ele com tédio. E pensou ainda que há muitos meses, há muitos anos, estava com muita coisa para consertar, desde os dentes até a torneira da cozinha, desde seu horário no serviço até aquele caso sentimental em Botafogo. E quando começou a dormir e ouviu que batiam na porta, acordou assustado achando que era o dentista, o homem do rádio, o caixa da firma, o irmão de Honorina ou um vago fiscal geral dos problemas da vida que lhe vinha tomar contas.

A princípio não reconheceu a negra velha Joaquina Maria, miúda, molhada, os braços magros luzindo, a cara aflita. Ela dizia coisas que ele não entendia; mandou que entrasse. Há dois meses a velha lavava sua roupa, e tudo que sabia a seu respeito é que morava em algum barraco, em um morro perto da Lagoa, e era doente. Sua história foi saindo aos poucos. O temporal derrubara o barraco, e seu netinho, de oito anos, estava sob os escombros. Precisava de ajuda imediata, se lembrara dele.

- O menino está... morto?

Ouviu a resposta afirmativa com um suspiro de alívio. O que ela queria é que ele telefonasse para a polícia, chamasse ambulância ou rabeção, desse um jeito para o menino não passar a noite entre os escombros, na enxurrada; ou arranjasse um automóvel e alguém para ir retirar o corpinho. Mas o telefone não dava sinal; enguiçara. E quando meteu uma capa de gabardina e um chapéu e desceu a escada viu que tudo enguiçara, os bondes, os ônibus, a cidade, todo esse conjunto de ferro, asfalto, fios e pedras que faz uma cidade, tudo estava paralisado como um grande monstro débil.

- E os pais dele?

A velha disse que a mãe estava trabalhando em Niterói.

- E o pai?

Na mesma hora sentia que fizera uma pergunta ociosa; devia ser um personagem vago e impreciso, negro e perdido na noite e no tempo, o pai daquele pretinho morto. Ia atravessando a rua com a velha; subitamente, como a chuva estivesse forte, e ela tossisse, mandou que ela voltasse e esperasse na entrada da casa. Tentou fazer parar quatro ou cinco automóveis; apenas conseguiu receber na perna jatos de lama. Entrou, curvando-se, em um botequim sórdido que era o único lugar aberto em toda a rua, mas já estava com a porta de ferro a meia altura. Não tinha telefone. Contou a história ao português do balcão, deu explicações ao garçom e a um freguês mulato que queria saber qual era o nome do morro – e de repente sentiu que estava fazendo uma coisa inútil e ridícula, em contar aquela história sem nenhum objetivo. Bebeu uma cachaça, saiu para a rua, sob a chuva intensa, andou até a segunda esquina, atravessou a avenida, voltou, olhando vagamente dois bondes paralisados, um ônibus

quebrado, os raros carros que passavam, luzidos e egoístas na noite negra. Sentiu uma alegria vingativa pensando que mais adiante, como certamente já acontecera antes, eles ficariam paralisados, no engarrafamento enervante do trânsito. Uma ruazinha que descia à esquerda era uma torrente de água enlameada. Mesmo que encontrasse algum telefone funcionando, sabia que não conseguiria àquela hora qualquer ajuda da polícia, nem da assistência, nem dos bombeiros; havia desgraça em toda a cidade, bairros inteiros sem comunicação, perdidos debaixo da chuva. Meteu o pé até acima dos tornozelos numa poça d'água. Encontrou a velha chorando baixinho.

- Dona...

Ela ergueu os olhos para ele, fixou-o numa pergunta aflitiva, como se ele fosse responsável pela cidade, pelo mundo, pela organização inteira do mundo dos brancos. Disse à velha, secamente, que tinha arrumado tudo para “amanhã de manhã”. Ela ainda o olhou com um ar desamparado – mas logo partiu na noite escura, sob a chuva, chorando, chorando.

(Rio, agosto de 1952)

As partes grifadas no texto foram modificadas ou retiradas para a publicação no livro de contos. O cronista provavelmente modificou, reorganizou e suprimiu palavras do texto por se tratar de um livro que pertence a outro tipo de gênero – o conto que, segundo Gotlib (1985), possui uma característica básica que é a economia dos meios narrativos. Desse modo, “trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E todo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido” (GOTLIB, 1985, p. 35). Vejamos as modificações ocorridas na crônica acima: No primeiro parágrafo - a palavra “só” foi retirada; “esse” foi substituído por “este” e retirou-se a palavra “ele”. “Tomar” foi substituído por “pedir”. No segundo parágrafo - “dois meses” foi substituído por “alguns meses” e “lavava sua roupa” foi substituído por “lavava-lhe a roupa”; “algum” foi substituído por “um” e “em um” substituído por “num”. No terceiro parágrafo - foi acrescentado “Quis telefonar, mas o telefone não dava sinal”. No quarto parágrafo – as palavras “de repente” e “em” foram retiradas; “cachaça” foi substituída por “bagaceira”; a palavra “egoístas” foi retirada; a frase “Meteu o pé até acima dos tornozelos numa poça d'água” foi modificada “meteu os pés até os tornozelos numa poça d'água”. No último parágrafo – “como se ele fosse...” foi modificado “como se fosse ele...”; foi retirada a parte final “... chorando, chorando”.

Percebemos que o cronista ‘enxugou’ o texto para torná-lo um conto, isso pode ter ocorrido porque antes o texto pertencia ao gênero crônica, considerado um gênero mais leve, que observa os fatos de fora para dentro. Já o conto é um gênero carregado de tensão, na qual “o contista trabalha esta tensão de dentro para fora, até sua tensão maior, na forma

esférica: a forma do conto é a da esfera, construída sob tensão máxima, e em cujo o interior o autor deve mergulhar, antes de soltá-la” (GOTLIB, 1985, p. 70).

A Crítica genética

Além da análise dos gêneros crônica e conto e suas características que contribuem para que haja as modificações descritas, essas alterações nos textos serão analisadas também através da teoria da genética textual, pois pensamos que as publicações anteriores podem ser comparadas a rascunhos do texto final que foi publicado no livro de contos selecionado por Davi Arrgucci Jr. De acordo com Philippe Willemart⁴:

Existe o estudo de um diálogo, entre o texto que se escreve no papel e aquele que o escritor escreve ao mesmo tempo no seu pensamento (“texto-móvel”). Isso é uma perspectiva que pode parecer abstrata, mas que possui um objeto de estudo bem preciso: a rasura. É no traço sobre a palavra que encontramos o diálogo concreto entre esses dois registros.

Não é comum fazer modificações no texto depois que uma obra é lançada ao público, porém, o cronista Rubem Braga já aparece nos seus livros reeditados de crônicas explicando, com uma nota inicial, a supressão de alguns textos e a correção de outros. Às vezes, revela insatisfação com o seu texto, e em outras, explica que excluiu por motivos sentimentais. *Lebrave* (2002) afirma que o texto depois de publicado não sofrerá mais alterações, assim:

Ele é por definição autêntico e tal como o desejou o seu autor (a cópia aprovada para publicação está lá para garantir esta autenticidade). Salvo alguma modificação por ocasião de um nova edição, ele não é mais submetido a variação, e todos os leitores lerão o mesmo texto. Ele escapa, portanto, à imperfeição que irremediavelmente marcava os modos anteriores de transmissão de textos, e particularmente a cópia manuscrita. (*LEBRAVE*, 2002, p. 111)

Rubem Braga não seguiu a regra descrita acima por *Lebrave*, portanto, deve-se compreender que não estaremos tratando com manuscritos, mas com textos publicados nos livros e, se tivermos oportunidade, também observaremos sua primeira publicação nos jornais. Mesmo assim, ainda estaremos lidando com a genética textual, pois de acordo com

⁴ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n2/a12v05n2.pdf> , acesso em 22/10/11.

Roberto Zular⁵: “por manuscrito, devemos entender muito mais do que uma versão escrita à mão de um poema ou de um romance. O objeto de trabalho pode ser, por exemplo, uma pequena nota escrita na margem de um romance lido pelo autor”. Ou então, no caso dos textos de Rubem Braga, serão os textos publicados anteriormente nos seus livros de crônicas. Assim, o nosso percurso se dará através dos registros deixados pelo cronista ao longo da sua obra publicada em livros e, desse modo, chegaremos aos resultados desejados na pesquisa.

Referências Bibliográficas

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Achados e perdidos** – ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Braga de novo por aqui. In: **Melhores contos – Rubem Braga**. São Paulo: Global, 2001.
- BRAGA, Rubem. **Melhores contos – Rubem Braga**. (Seleção de Davi Arrigucci Jr.). São Paulo: Global, 2001.
- BRAGA, Rubem. **O Conde e o passarinho e Morro do isolamento**. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- BRAGA, Rubem. **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- BRAGA, Rubem. **Um pé de milho**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BRAGA, Rubem. **50 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- BRAGA, Rubem. **A traição das elegantes**. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- BRAGA, Rubem **O homem rouco**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- BRAGA, Rubem. **O verão e as mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRAGA, Rubem. **100 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- BRAGA, Rubem. **Recado de primavera**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRAGA, Rubem. **Rubem Braga – Literatura Comentada**. (Seleção de Paulo Elias A. Franchetti e Antonio A. Bernardez Pecora). São Paulo: Abril Educação, 1980.
- BRAGA, Rubem. **Casa dos Braga – Memória de infância**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BRAGA, Rubem. **Pequena antologia do Braga**. (Seleção de Domício Proença Filho). Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

⁵ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n2/a12v05n2.pdf> , acesso em 22/10/11.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EUSP, 2009.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios)

GRÉSILON, Almuth. **Elementos de crítica genética – ler os manuscritos modernos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

ZULAR, Roberto. **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.